

PROJECTO



igreja

segura SEGURANÇA contra a CRIMINALIDADE:



## PROBLEMAS

Para solucionar os problemas de segurança das igrejas e outros edifícios religiosos precisamos, em primeiro lugar, identificar e conhecer bem esses mesmos problemas.

### - QUAIS SÃO, ENTÃO, OS PRINCIPAIS PROBLEMAS DE SEGURANÇA QUE ASSOLAM AS IGREJAS E OS OUTROS EDIFÍCIOS RELIGIOSOS?

Muito sumariamente, podemos resumi-los do seguinte modo:

VULNERABILIDADES e *MODUS OPERANDI* CRIMINAIS mais frequentes:

O QUÊ - ONDE – QUANDO – COMO:

**1** - Em primeiro lugar, importa esclarecer que não são apenas os **bens culturais móveis** das igrejas – escultura sacra, pintura, alfaias litúrgicas, etc. - que são procurados e furtados.

Há a considerar outros tipos de espólio igualmente cobiçados e frequentemente alvos de furto:

-património integrado: **retábulos, altares, cadeirais, azulejos, elementos arquitectónicos em pedra**, etc;

-património não cultural: **caixas de esmolas, aparelhagens de som e outros equipamentos electrónicos**.

Sublinhemos que quem furta estes dois tipos de património muitas vezes causa e/ou pratica, propositadamente ou não, **danos e actos de vandalismo sobre os restantes bens históricos e artísticos**.

**2** - Em segundo lugar, refira-se que **maior incidência de furtos, em igrejas, ocorre durante o dia, por insuficiente ou inexistente vigilância**. Apontemos duas vulnerabilidades principais:

**A** - **peças facilmente acessíveis** e/ou próximas de portas ou janelas;

**B** – peças furtadas **por ocasião de realização de obras de construção civil**, melhoramentos ou outros eventos, quando não causa estranheza a circulação de desconhecidos, nomeadamente envergando bata ou fato-macaco, transportando objectos pertencentes à igreja .

**3** - Seguem-se os furtos por arrombamento no período nocturno. As intrusões pelas portas (ou janelas) das Sacristias (e outras entradas secundárias das igrejas) apresentam-se em número significativo, pois normalmente estas são mais vulneráveis e são muitas vezes esquecidas, estando na maioria dos casos **menos fortificadas**, do ponto de vista da segurança, que as portas principais.

**4** - Também **durante a noite** e ainda em número significativo, **ocorrem os furtos por escalamento de janelas, telhados e torres sineiras**.

**5** - Aproveitando a necessidade de **restauro de certas peças**, há infelizmente a registar a frequente **troca de esculturas falsas por verdadeiras**, por parte de burlões que se fazem passar por profissionais de conservação e restauro, ou seja: **fazem-se passar esculturas copiadas por pantógrafo pelas originais. Assim, os burlões devolvem às igrejas as cópias como sendo verdadeiras - e ficam com as originais. O mesmo poderá ocorrer com pinturas ou outros objectos de arte passíveis de ser copiados.**

**6** - Os casos de **intrusos** que **entram nas igrejas durante o período de abertura** e logram **esconder-se**, para depois **saírem dos seus esconderijos após o fecho dos templos**, movimentando-se e **furtando à sua vontade**, constituem também casos recorrentes que urge evitar.

**7** - Para além dos *modus operandi* criminais enunciados, refram-se ainda **outros motivos que também têm levado a importantes perdas de bens culturais das igrejas**. Trata-se de procedimentos baseados em muita falta de informação que, embora muitas vezes bem intencionados, têm vindo a prejudicar gravemente o património histórico dos edifícios religiosos. Apontemos dois mais importantes:

**7.1)** Há a registar casos em que párocos tomam a iniciativa ou são induzidos a:

- a) trocar de livre vontade peças antigas – sobretudo esculturas de arte sacra por peças modernas;**
- b) mandar executar obras de restauro e melhoramento nos edifícios sem ter em conta a sua preservação histórica e artística, nem consultar especialistas ou a própria Diocese.**

**7.2)** Há **paroquianos a quem se solicita – ou que se oferecem voluntariamente - para albergar provisoriamente, em suas casas, determinadas peças**, sobretudo em situações de excepção, como durante a realização de obras ou após acidentes graves no imóvel (inundações, terremotos, derrocadas, etc.) ou outras situações em que, por qualquer razão, se considera que a Igreja não oferece momentaneamente condições mínimas de segurança. **Em muitos casos, não há qualquer registo escrito desta operação.** Estas situações, inicialmente de carácter provisório, tendem muitas vezes, por inércia e hábito, a tornar-se permanentes. Ora, por morte dos paroquianos que assumiram o compromisso de salvaguarda das peças - e subsequente processo de herança, - ou por outros motivos que, de outro modo, quebram também o original elo de compromisso com a igreja em questão, as peças acabam muitas vezes por ser consideradas propriedade de quem detém a sua posse física, não havendo já, amíude, conhecimento ou maneira de provar o contrário.